



Universidade
Estadual da
Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS ADELINO

**ACERCA DA FELICIDADE NO LIVRO I DA ÉTICA A NICÔMACO DE
ARISTÓTELES**

**CAMPINA GRANDE
2016**

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS ADELINO

**ACERDA DA FELICIDADE NO LIVRO I DA ÉTICA A NICÔMACO DE
ARISTÓTELES**

Trabalho de Conclusão de Curso
Artigo Científico - apresentado ao
Curso de Filosofia da Universidade
Estadual da Paraíba - UEPB- como
requisito parcial á obtenção do título
de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A229a Adelino, José Francisco dos Santos
Acerca da felicidade no livro I da ética a Nicômaco de
Aristóteles [manuscrito] / José Francisco dos Santos Adelino. -
2016.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira,
Departamento de Filosofia".

1. Ética 2. Felicidade 3. Vida I. Título.

21. ed. CDD 170

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS ADELINO


**ACERCA DA FELICIDADE NO LIVRO I DA ÉTICA A NICÔMACO DE
ARISTÓTELES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 25/05/2016.


Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Examinadora

Dedico este trabalho a minha família, meu tesouro maior concedido pelo Pai Celeste nesta vida terreal, que estão sempre comigo em todos os momentos de minha existência e aos meus amigos que me apoiam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, nosso Pai Celeste que sempre esteve ao comigo me dando forças e saúde para suportar as dores sem capitular e me ajudando a conciliar trabalho e estudo.

Agradeço a minha família e a meus amigos em especial a Rosevânio de Brito que me auxiliou quando precisei e Jarger Flavio que traduziu meu abstract.

Agradeço ao professor Diniz pela disposição em me orientar na elaboração desse artigo, bem como aos demais examinadores que dispuseram de seu tempo para me avaliarem.

E gostaria de agradecer aos professores do departamento de Filosofia que estiveram comigo ao longo dessa caminhada. Muito obrigado!

ACERCA DA FELICIDADE NO LIVRO I DA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES

José Francisco dos Santos Adelino¹

RESUMO

A felicidade é a grande busca do ser humano. Esse trabalho tem como objetivo identificar no Livro I da *Ética a Nicômaco* a questão da felicidade contextualizando-a desde a antiguidade clássica e relacionando-a com a atualidade. Pretendo diante do caminho proposto por Aristóteles mostrar como o homem vivera bem sendo importante atingir a felicidade. A felicidade que é tida como a realização de todos os nossos desejos e que na verdade é a noção de que podemos nos satisfazer, com nossas reais possibilidades. Dai todos a procurarem nos mais variados lugares e de formas diferentes. Assim, para que, de fato, possamos alcançar a felicidade diante das dificuldades da vida, é necessário olharmos para as coisas reais e concretas da vida.

Palavras-chaves: Ética. Felicidade. Vida

1. INTRODUÇÃO

O que eu quero da vida? Quero ser feliz! Mas o que é ser feliz? É possível ser feliz? Em que consiste a felicidade? Eis a questão! Para uns a felicidade está na busca do prazer. Para outros, os prazeres provocam instabilidade, dor e o sofrimento e por isso o ideal seria sufocar as paixões. Há quem pense que a perfeita felicidade só se encontra na vida após a morte, realizando-se na comunhão com uma divindade. Já outros acham que não é a felicidade que importa, mas sim agir conforme o dever (deontologia).

Também tem sido essa a preocupação dos filósofos ao longo dos tempos, ao se aprofundarem nas questões teóricas, tais como: Em que consiste o bem? Qual o fundamento da ação moral? Qual a natureza do dever? De onde vêm as normas morais? Elas podem ser mudadas? Quem pode alterá-las? Essas perguntas nos remetem para o campo da ética, área da filosofia que reflete criticamente sobre a experiência moral e discute as noções e os princípios que embasam a conduta moral.

O presente trabalho visa no que uma reflexão da felicidade na obra *Ética a Nicômaco* e faz uma comparação com a atualidade. A perspectiva é utiliza-se desta obra

¹ Graduando em Licenciatura em Filosofia UEPB

buscando fundamentação da temática. Portanto, este trabalho tem como ideia identificar no livro I de *Ética a Nicômaco* a questão da felicidade; contextualizando essa temática além do âmbito da Antiguidade Clássica relacionando-a com os nossos dias.

Ao lermos a obra de Aristóteles *Ética a Nicômaco* percebemos que a mesma se encontra dividida em dez capítulos. Aristóteles ao escrever esta obra da qual recebe o nome de seu filho, por estar preocupado com a educação do mesmo e por sua vez, com sua felicidade. Essa obra se enquadra no grupo das ciências práticas, pois busca o saber para alcançar a perfeição moral.

Aristóteles considera a felicidade como o Sumo Bem, pois, segundo ele todas as atividades humanas aspiram a algum bem, dentro os quais o maior é a felicidade e esta, como nos diz Aristóteles, não está ligada aos bens materiais, embora alguns desses bens possam nos conferir ensejo à mesma.

Numa exposição geral, nesse contexto, dois bens de natureza distinta nos são apresentados pelo filósofo: o bem material e o bem intelectual. Diante desses bens, para alguns, a felicidade consiste no uso dos prazeres, nas honrarias, nas riquezas e no gozo das coisas materiais. Em relação a esses bens, os mesmos em excesso podem ser, no entanto, prejudiciais.

No decorrer deste trabalho pretende-se entrever todo o caminho proposto por este filósofo para que o homem possa, enfim, viver bem e, portanto, atingir a felicidade, poderemos, de fato, alcançar a felicidade, mesmo diante dos problemas que temos. Deveremos, contudo, fazer com que nossas ações estejam em conformidade com a atividade racional.

Começamos este artigo primeiro abordando a felicidade como bem supremo e em seguida passaremos da virtude à felicidade.

2 A FELICIDADE COMO BEM SUPREMO

A reflexão ética propriamente dita teve início no mundo ocidental na Grécia Antiga, quando os filósofos procuravam o fundamento moral segundo uma compreensão da realidade distanciada dos relatos míticos.

Enquanto para os sofistas os princípios morais resultavam de convenções sociais, Sócrates a eles se contrapõe, fundamentando a moral na própria natureza

humana. No diálogo *Eutifron*, de Platão, Sócrates discute inicialmente sobre as ações da pessoa ímpia (que não tem fé) ou santa, conforme a ordem constituída para então se perguntar em que consiste a impiedade e a santidade em si, independentemente dos casos concretos. Desse modo, pela primeira vez um filósofo se interroga sobre o fundamento último da moral.

A ética de Aristóteles exerceu forte influência no pensamento ocidental. Segundo sua teoria, conhecida como *eudemonismo* (o verbo grego *eudaimonéo* significa “ser feliz”), todas as atividades humanas aspiram a algum bem, dentre os quais o maior é a felicidade. Para Aristóteles, conquistar a felicidade é o princípio que norteia o agir humano. Este não deve ser entendido como um ponto final, mas, como algo que está sempre se iniciando. Não há um fim estático e acabado, mas, na verdade um fim que se torna início e aprimoramento para uma próxima busca. No entanto, para chegar a esse objetivo há que se observar o caminho do meio onde se encontra o equilíbrio para alcançar com êxito e objetivos determinados.

Sobre o meio-termo Aristóteles afirma que ele pode ser compreendido de duas maneiras: o meio termo da coisa e o meio termo relacionado a nós. O meio termo da coisa é o que resta igualmente de cada um dos extremos, que justamente é o único e mesmo para todos os casos, ou seja, é algo fixo. O meio-termo relativo a nós (e por isso justa medida) é o que não excede, nem falta, mas isso não é o único nem o mesmo para todos os casos. Há excessos, faltas e justa medida no que se refere as ações. O excesso erra, a falta é censurada e louvada e acertada. E assim podemos dizer que acertar e ser louvado pertence à virtude. (PAIVA, 2012, p. 9-10).

O bem que é a felicidade, porém, não se alcança de uma só vez, mas exige o esforço de uma vida inteira no exercício da virtude. Para Aristóteles, a virtude é uma disposição para querer o bem que resulta de um hábito e não de atos ocasionais e fortuitos.

Uma vez que a felicidade é o bem maior para todo ser humano e o fim último de suas ações, é preciso que este possa de modo conciso e determinado, pôr-se na prática do que é realmente bom e justo, via única para a *eudaimonia*. Inúmeras são as dificuldades e desafios que surgem como empecilhos para as ações coerentes, afastando o indivíduo da prática do que é nobre e excelente, no entanto, é preciso resgatar as virtudes como características próprias de uma espécie destinada a comunhão plena com o sumo-bem, a felicidade.

Mas ainda: é a disposição para escolher a “justa medida”, o “meio- termo” (*mesóthes*), pelo qual uma pessoa dotada de sabedoria prática escolhe a média entre dois extremos (por excesso ou por carência). Por exemplo, diante do sentimento de vergonha, a virtude da modéstia está livre entre a timidez (excesso) e o impudor (carência). A coragem é uma virtude que se caracteriza pelo justo meio entre a temeridade, que é a ousadia imprudente, e a covardia. Diante dos prazeres, a temperança é a virtude média entre a intemperança e a insensibilidade. Sendo assim, a vida virtuosa consiste na *áurea mediocridade*, entendida como um princípio pelo qual uma atividade moral é considerada boa enquanto a escolhermos na medida certa.

O homem prudente é aquele que sabe ponderar ou ajuizar não apenas sobre o que é bom para si, mas para todos os homens. Vale dizer, o contrário que fundamenta o homem prudente a estabelecer e agir corretamente é a reta razão. Em última análise, é a razão que mostra o que é certo, que apresenta as razões e os motivos, tendo como aliadas a experiência e a tradição. Assim as normas surgem com a teorização da prática a partir dos costumes e a virtude passa a ser então a realização prática dessa norma, enquanto habito de escolher aquilo que já foi estabelecido (Acta Scientiarum, p. 98).

Salientamos também que um segundo ponto do qual deve ser feita uma ressalva é que Aristóteles também tinha a intenção de que o povo da *Pólis* refletisse sobre as suas ações e que colocasse a razão acima das paixões e buscasse a felicidade seja individual ou coletivamente. Segundo Aristóteles o homem na condição de animal político tende a felicidade, no entanto, a conquista dessa virtude só ocorre no âmbito da cidade (*pólis*), pois é nesta onde o ser humano articula ações e convive com outros seres, externando virtudes ou vícios. Nesse aspecto o homem além de se caracterizar como ser social pode vir a conquistar o estado de bem-estar, percebendo-se parte de um todo, compreendendo que ser feliz constitui necessidade essencial para a realização do ser humano.

O bem do homem é realizar a sua função e deve ser algo que lhe é próprio. Disso exclui-se sua vida de nutrição e crescimento porque é algo que também está nas plantas. Também se exclui a vida de percepção porque é comum aos animais. Resta ao homem uma função que não está presente nas plantas e tampouco nos animais: exercer sua atividade racional. O exercício desta atividade é, pois o bem próprio do homem (ROSSI, 2011, p.2).

A definição de felicidade na obra *Ética a Nicômaco* já é encontrada no livro I da referida obra, mesmo o conceito repassando todos os X capítulos que a compõem.

Segundo Aristóteles a felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delos: “das coisas, o mais nobre é a justiça, e o mais desejável a saúde; mais o que de mais doce há é encontrar o que se ama”. (ARISTÓTELES, 2009, p.30) Todos esses atributos estão presentes na mais excelente atividade, e entre essas- a melhor-, nós identificamos com a felicidade.

Encontramos ao longo da obra de Aristóteles alguns conceitos que estão associados a felicidade, a saber, “fim”; “tarefa” e “virtude”. A primeira corresponde à finalidade de algo, ou seja, diz respeito ao caráter teleológico que tanto descrevem os pesquisadores de Aristóteles. Podemos identificar então que a busca da ética sempre será a busca de um fim, este corresponde ao homem.

Como podemos encontrar no início da obra aristotélica, todas as atividades humanas visam a alguma forma de bem. Alguns bens são subordinados a outros. O bem que se é buscado por Aristóteles é, na verdade, “[...] a finalidade em todas as ações e propósitos, pois é por sua causa que os homens realizam tudo o mais” (ARISTÓTELES, 2009, p.17).

Este bem supremo é a felicidade. E mais como o próprio Aristóteles afirma, “[...] parece que a felicidade, acima de qualquer outra coisa, é considerada como esse sumo bem” (ARISTÓTELES, 2009, p.18)

Ao adentrarmos no pensamento aristotélico no livro I de *Ética a Nicômaco*, vemos que o caminho para se chegar a felicidade é bastante difícil. O filósofo nos alerta que só poderemos chegar a ela por meio das virtudes. Assim, Aristóteles nos mostra neste livro I os contrários, ou seja, ele nos faz refletir sobre os vícios e as virtudes.

Ele nos mostra mediante a felicidade que “[...] o que constitui a felicidade são as atividades virtuosas, e as atividades viciosas nos conduzem a situação oposta” (ARISTÓTELES, 2009, p.37)

Com isso, o vício como oposto as virtudes seria algo repetitivo que degenera ou causa algum prejuízo ao viciado e aos que com eles conviver. Com o vício, começamos por repetir ações sem pensar. Ou seja, estes vícios podem nos causar angustias e dores, dos quais serão prejudiciais a nós mesmos e aos demais que fazem parte de nosso

convívio. As bebidas, os jogos, o sexo, as comidas, o computador em excesso, são alguns exemplos de vícios.

Se procurarmos compreender a natureza das virtudes poderemos compreender a natureza da felicidade, pois o vício enfraquece. Uma vez que os vícios não constituem a felicidade, tornam desvios do caminho para conquista-la. Mas se o homem age na busca de ações que são conforme a virtude, este é feliz por toda a vida.

[...] a virtude que devemos examinar é a virtude humana, pois o bem e a felicidade que estamos buscando são o bem e felicidade humanos. Entendemos por virtude humana não a do corpo, mas a da alma; e também dizemos que a felicidade é uma atividade de alma (ARSISTÓTELES, 2009, p.37).

Diferentemente dos vícios, as virtudes nos fortalecem, pois podemos usá-las no nosso cotidiano. Ao praticarmos o bem teremos este bem como recompensa e poderemos criar o hábito de olharmos para as coisas simples, como observar o céu e suas estrelas; o universo com sua plenitude, e os primeiros passos de uma criança. Tudo isso nos faz refletir sobre o bem e sendo assim, chegaremos ao estado pleno, ou seja, a felicidade e seus benefícios.

A virtude e o vício se relacionam com as mesmas coisas, ou seja, o filósofo nos aponta que existem três objetos de escolhas e três objetos de rejeição, a saber: De um lado temos o “nobre”, o “ vantajoso”, o “agradável” e, por outro lado, temos o seu contrário, ou seja, o “ vil”, o “prejudicial” e o “doloroso”. Aristóteles nos mostra que de acordo com as relações que temos com os homens podemos nos tornar justos ou injustos.

Assim como nas artes, toda virtude é produzida e destruída pelas mesmas causas e efeitos. No caso das artes, tanto os bons quanto os maus construtores são formados durante a atividade que é exercida por homens. No caso da virtude, os homens podem se tornar justos ou injustos nas relações que mantém com outros homens. Em função do que fora exposto, Aristóteles, sustenta que nenhum tipo de virtude pode ter sua origem na natureza humana. Tanto a virtude intelectual quanto a virtude moral são desenvolvidas sendo que a primeira dela se desenvolve através do ensino e a segunda desenvolve-se através do exercício continuado (ARISTÓTELES, 1984, p. 45).

Podemos perceber que a virtude se relaciona estreitamente com as paixões e com as ações. Ou seja, enquanto que pelas paixões o ser humano acaba sofrendo; com as virtudes começam, a saber, lidar com elas.

Diante do que tenho exposto até o momento, entende-se que a virtude é uma disposição de caráter relacionada às nossas escolhas, sejam em relação às ações ou às paixões. Vale lembrar que a virtude deve ser mostrada através de nossas ações.

Vale lembrar que como afirma Aristóteles, “a alma é constituída de uma parte racional e de outra privada de razão” (ARISTÓTELES, 2009, p. 27). Ou seja, esta parte privada de razão seria os nossos instintos. Podemos observar ao ler a *Ética a Nicômaco* que o filósofo aponta que a virtude tem uma divisão, ou seja, ela se divide em virtudes intelectuais e virtudes morais.

Enquanto o primeiro tipo de virtudes corresponde à sabedoria filosófica, a compreensão, à sabedoria prática; o segundo tipo de virtudes diz respeito à liberalidade. Podemos exemplificar estas virtudes da seguinte forma: As intelectuais correspondem à “sabedoria”, a “inteligência” e à “verdade”. Já as morais, temos a coragem, a generosidade, a doçura, a amizade e a justiça.

Quando pensamos a alma irracional, percebemos que esta seria a parte que tem nos vegetais e também nos animais. A função nutritiva tem em comum com os vegetais e a função perceptiva tem em comum com os animais.

O homem distingue-se dos outros seres vivos porque tem logos. Ora o logos remete-nos para a actividade exercida pela psyche na sua faculdade superior. Por outras palavras, a vida própria do homem só pode ser a vida activa daquela parte que tem logos. A felicidade do homem não consiste em ter ou obter ou possuir o que quer que seja, mas em estar activo; a felicidade não poderá ser outra coisa que não seja a actividade mais autenticamente humana, a acção humana mais excelente. É a partir desta intuição crucial que se devem interpretar todas as afirmações de Aristóteles sobre a eudaimonia designadamente àqueles que oferecem, pelo menos aparentemente mais dificuldades (MARTINS, 1994, p.185).

A alma racional, ao contrário, é a que nos diferencia dos outros seres. As virtudes intelectuais e morais estão ligadas à razão. Já por alma vegetativa temos que a mesma seria responsável pela geral, ou seja, nossa nutrição e pelo crescimento dos seres vivos. A alma racional capta a forma inteligível.

Tendo em vista que a alma racional dividindo-se em duas partes observamos que de um lado, a virtude intelectual é aquela que se encontra ligada à nossa inteligência. Esta virtude consiste na capacidade de aprender o conhecimento por meio do diálogo e

da reflexão para buscar o verdadeiro conhecimento. Ela seria aquela que nasce e progride graças aos resultados da aprendizagem e da educação.

É a razão que mostra o que é certo, que apresenta razões e os motivos, tendo como aliados a experiência e a tradição”. Assim, as normas surgem como a teorização da prática a partir dos costumes e a virtude passa a ser então a realização prática desta norma, enquanto hábito de escolher aquilo que já foi estabelecido (Acta scientiarum, 2014, p. 104.)

Por outro, a virtude moral é ação ou comportamento moral. Ou seja, esta virtude seria o hábito que é considerado bom de acordo com sua ética. Sendo assim, as ações devem ser praticadas não apenas por parecerem conectas, mas porque, através dessas ações o homem conquistará a própria felicidade.

A escolha exige o uso da racionalidade enquanto uma ação simplesmente não a exige. Disso infere-se que só é virtuosa se for voluntariamente e se for resultado de uma deliberação racional. O princípio racional é, pois, fator indispensável para a caracterização da virtude (ROSSI, 2011, p.2).

Enquanto pessoas pensantes o ser humano deve optar pelas ações adequadas, exercitadas em contexto ético e moral, para poderem materializar o bem, e alcançar assim a felicidade.

Lembramos que a virtude moral não é gerada em nós por natureza, mas, é o resultado do hábito em que nos torna capaz de praticar atos justos. Para Aristóteles esta virtude moral nada mais é do que uma disposição mediana, ou seja, leva o homem a ter comportamentos moderados. A virtude é mediana porque visa o meio termo.

3 DA VIRTUDE À FELICIDADE

Em Aristóteles existe uma dissociação entre virtude e felicidade, pois a felicidade não é uma virtude e sim uma consequência da virtude. Existe um conjunto de virtudes. Com isso, identifica-se que a felicidade não é ter riqueza e bens materiais, pois estes seriam apenas meios para alcançar felicidade.

Se perguntarmos sobre o que seria a virtude, teríamos como resposta que ela é a medida entre os extremos, ou seja, ela é moderação. Segundo Aristóteles a virtude é uma disposição constante para agir de um modo deliberado, consistindo numa medida relativa a nós, racionalmente determinada e tal como seria determinada pelo homem prudente.

A virtude de algo é a que o torna bom, diante das emoções podemos reagir de diversas maneiras, porém se esta reação for boa será considerada como virtude. Devemos nos lembrar que a função própria do homem é ter uma atividade da alma baseada em princípios racionais e agir deste modo da melhor maneira possível, ou seja, a virtude de um homem é o que o torna bom, é o que o torna humano de verdade, o que nas palavras de Aristóteles seria que toda virtude aprimora o bom estado e desempenha bem a função daquilo mesmo de que é virtude e ainda a virtude do homem será a disposição graças à qual ele se torna um homem bom e graças à qual desempenha bem a função de si próprio (PAIVA,2012, p.9).

Devemos ter em mente que a virtude não é uma inclinação assim como o desejo, e sim, uma disposição do ser humano. Ou seja, ela é uma disposição do caráter constante do agir conforme a medida humana. A virtude seria, no entanto, ação, hábitos que são constantemente aprimorados.

Aristóteles considera a virtude como um justo meio. Este seria um caminho, dito ético, para a excelência, ou seja, para a felicidade. Podemos ter em mente de que a justa medida apresentada por Aristóteles vem ser o fundamento da virtude ética, visto que este seria uma virtude que se encontra na medida mais justa entre dois extremos; A virtude que orienta e determina esse meio termo entre o equilíbrio e a coragem é a prudência, e é este meio que vai nos apontar o caminho da excelência.

A virtude é o meio termo entre dois vícios, um por excesso outro por falta. Mas, nem toda ação e nem toda paixão admitem meio-termo, há algumas ações ou paixões que implicam em maldade, como a inveja que é má em si mesma, visto que nesse sentido não há retidão, mas sim erro. É inviável procurar meio-termo em atos injustos; no excesso ou na falta, não há meio-termo. No caso da coragem, por exemplo, é covarde aquele que teme a tudo e não faz nada. Isso é um vício por deficiência. Aquele que nada tem e parte ao encontro de todos os perigos torna-se temerário, sendo assim vício por excesso.

A justa medida não é algo fácil, é difícil ser bom, é difícil determinar a justa medida em cada situação, o bem agir é raro, louvável e belo. Devemos ficar atentos aos erros, devemos puxar a nós mesmos em direção ao ponto oposto, pois chegaremos ao meio termo afastando-nos tanto quanto possível do erro, Aristóteles continua dizendo ainda que a disposição mediana é em todas as situações louvável, mas que por vezes devemos tender ao excesso, por vezes à falta, pois atingiremos assim do modo mais fácil o meio termo, isto é, o bem (PAIVA, 2012, p.10).

Aristóteles concebe a mediania como o fator essencial que favorece a preservação da temperança e da coragem. No entanto, o homem só se torna temperante praticando atos temperantes e, corajoso ao enfrentar situações que lhe caracterize como destemido.

O justo meio seria um meio termo entre os extremos, bem como, temos uma escolha justa, correta, por meio de discernimentos e sendo cada vez mais encaminhada pela prudência.

[...] a felicidade também deve ser partilhada por grande número de pessoas, pois quem quer que não esteja mutilado em sua capacidade para a virtude pode conquistá-la por meio de um certo tipo de estudo e esforço (ARISTÓTELES, 2009, p. 31).

No mais, devemos perceber segundo a citação de Aristóteles que a virtude é uma conquista e uma construção da nossa excelência.

Tendo em vista de que a felicidade só é alcançada através da virtude, e ela resulta mais do esforço do que propriamente do acaso. Ou seja, o acaso apenas fornece ao ser humano os instrumentos para poder ele chegar ao viver bem e agir bem. Devemos salientar que a virtude é essencial à felicidade, pois será por meio dela que poderemos alcançar o que tanto desejamos a felicidade.

As virtudes que são peculiares ao ser humano são as da alma. Aristóteles nos aponta que aquilo que são preferíveis ao ser humano corresponde aquilo que é bom, o que é proveitoso e o que lhe é agradável. No entanto, ele evita aquilo que é feio, que é prejudicial e o que aflige porque esses males nos trazem a infelicidade.

O meio termo pode ser visto como justo meio, meio-termo, entre os extremos, que segundo Aristóteles, pode ser definido em relação às coisas ou em relação a nós. O justo meio é também chamado meio termo entre os extremos. O justo meio é a definição apenas da virtude ética ou moral porque só ela diz respeito às paixões ou às ações susceptíveis de excesso ou deficiência.

Lembrando que este meio termo não é único nem tampouco o mesmo para todos. Em relação ao meio termo temos que dizer que não é o único para todos.

Salientamos que a virtude deve ter a qualidade de visar ao meio termo. Assim a virtude, é uma disposição de caráter relacionada com as ações e paixões. Ela é um meio termo entre dois vícios.

Com isso, temos em mente alguns exemplos correspondentes á Temperança e á Intemperança. Ser temperante ou fazer uso da temperança nos ajuda a ter discernimentos. Assim, podemos contentar-nos com o que é necessário, nem tão pouco nem muito e sim, o que nos sacia que nos conforta. Como exemplo de temperança temos a comida que devemos comer para saciar nossa fome e não para ficarmos escravos dela a ponto de adoecermos pelo exagero.

A virtude é estabelecida a partir de uma referência particular não sendo algo absoluto. Para melhor esclarecer a questão, nos valem do próprio exemplo que Aristóteles nos fornece em sua obra sobre os medos e arrojos: a coragem é a mediedade, o excesso por medo não tem um nome específico, o excesso por arrojo é temerário. Quem excede tem o medo e a falta no arrojar-se é covarde. Com relação a prazeres e dores, a mediedade é temperança, o excesso é intemperança. Com relação a dar e receber bens, a mediedade é a generosidade, o excesso e a falta são, respectivamente, o esbanjamento e a avareza (PAIVA, 2012, p.11).

No caso da Intemperança esta nos leva ao não discernimento causando assim a recessividade e a obsessão, ou seja, o café que é recomendado em alguns casos como terapia medicinal, mas ao tomarmos em excesso podemos então ficar dependentes prejudicando assim nossa saúde.

A temperança e a intemperança dizem respeito àqueles tipos de prazeres mais básicos e naturais não apenas no ser humano, mas em todos os animais. A intemperança, segundo Aristóteles, tende a dominar o ser humano como animal.

Conforme descrição do filósofo a temperança é a moderação nos desejos sensuais, é também a garantia de um desfrutar mais puro ou mais pleno. É um gosto esclarecido, dominado, cultivado. Ao intemperante só interessa o gozo do objeto em si, que sempre é uma questão de tato, tanto no que toca ao comer como ao beber é a união dos sexos. Pode dizer que o prazer do intemperante é oriundo do contato (ROCHA, 2009, p.32).

Mediante o meio termo aristotélico, adentramos naquilo que reflete o filósofo ao tratar dos prazeres e das dores.

[...] De fato, julga-se que ele está intimamente relacionado com a nossa natureza humana, e por isso, ao educar os jovens, usamos os lemes do prazer e do sofrimento para nos guiar (ARISTÓTELES, 2009, p.216).

Aristóteles nos mostra que o prazer seria uma atividade desimpedida do nosso estado natural, bem como este prazer seria um bem, visto que o mesmo seria contrário a dor que nos causa coisas ruins. O prazer seria um bem, pois todos buscam o mesmo sejam homens ou animais.

No entanto, a mesma coisa que nos dá prazer também pode nos causar sofrimento. Exemplo: Uma paixão mal resolvida ou um envolvimento amoroso o qual não refletimos sobre ele e agimos por impulso pelo momento, ou seja, no presente sentiremos prazer,mas ao depararmos com os acontecimentos veremos que só trouxeram dores.

Aristóteles nos mostra um lugar para o prazer na felicidade. Ou seja, o prazer mediante uma atividade digna é um prazer bom, diferente do prazer em meio a uma atividade indigna do qual é um mau.

O prazer seria algo perfeito, completo e próprio do nosso estado natural. Além de aperfeiçoar toda a atividade prazerosa. Diante da felicidade, só poderemos pensar a vida feliz, segundo nos mostra Aristóteles, conforme a virtude.

Na medida em que a virtude é apresentada como a essência da felicidade, torna-se indispensável aprofundar o entendimento acerca de seu conceito, pois é a partir dela que se pode compreender a natureza da felicidade, ou seja, que a vida feliz reside na atividade da alma, conforme a educação voltada para a virtude perfeita (Acta scientiarum, 2014, p. 102).

A felicidade se identifica como a finalidade do ser humano, que é o exercício desua atividade racional em consonância com a virtude. É, pois, somente através da racionalidade que o homem pode se tornar virtuoso e realizar o seu fim, e como consequência atingir a felicidade.

Para o filósofo a felicidade é um bem imanente e realizável pelo homem e para o homem. Assim sendo, a felicidade é atingida pelo homem quando as suas ações estão em conformidade com a atividade racional.

A felicidade enquanto tarefa de autorrealizacao do homem como humano compreende-se no horizonte da *phrónesis* (excelência do pensar as coisas que encontram no homem a sua causa, inaugurando a ética sobre a possibilidade do agir do humano sobre o mundo, perfazendo-o, e sobre si mesmo.) horizonte este partilhado com as virtudes éticas. A *phrónesis* preside a conformação das virtudes éticas, e assim á

constituição do homem como homem sério, guiando o seu viver e permitindo-lhe ascender ao bem viver, para além do aprisionamento na paixão e na sensibilidade e em direção ao autodomínio e á felicidade. É pelo exercício da *phrónesis* que o humano se levanta por sobre a necessidade simples e imediata para conformar sua própria vida, valorando cada situação em que se encontra e instituindo critérios sobre o agir que podem aquilatar o valor da própria vida. O valor já não reside simplesmente em viver, não vale qualquer vida, mas a vida boa, medida por critérios em honra dos quais, dependendo das circunstancias, possa ser preferível morrer exatamente em homenagem a viver bem. ”Porque se pode dizer que a felicidade é quase um viver bem e um agir bem.” (ARISTÓTELES, 2009, p.29).

Falar da *phronesis* requer retomar todo o conjunto da ética de Aristóteles assim como o seu lugar no universo ético grego e retomar também o pensamento político de Aristóteles. Todo pensamento ético em que Aristóteles é ao mesmo tempo político e jurídico. Pode-se aceitar a afirmação de que pensamento grego moveu-se na unidade sincrética entre moral, política e direito, e acompanhar a tese de que a consciência jurídica apenas se autonomiza na experiência jurídica romana. De fato, a experiência grega não oferece os elementos para a compreensão do direito em sua específica autonomia.

A escolha moral se manifesta como “*phrónesis*”, ou seja, como prudência, entendida como um discernimento que nos permite deliberar e escolher a ação a ser praticada. É este discernimento (*phronesis*) que nos permite ajustar a prática da virtude á justa medida. Para Aristóteles, a busca do equilíbrio, a moderação, o discernimento em deliberar e consequentemente escolher é o critério moral, isto é, a *phronesis* seria uma espécie de critério a partir do qual deliberamos sobre os meios. Do mesmo modo que Aristóteles afirma que todo homem naturalmente tende ao saber, ou seja, deseja pela sua própria natureza conhecer as coisas, podemos afirmar que todo homem naturalmente tende à felicidade, isto é, deseja ser feliz (PAIVA, 2012, p. 12).

As relações entre a *phrónesis* e o direito tornam-se particularmente importantes em razão da especial posição da justiça no conjunto das virtudes éticas, sempre conformadas mediante orientação da *phrónesis*. Todas as virtudes éticas são formas de justiça, e a justiça está em jogo em todo agir. Por consequência, o exercício da *phrónesis* é sempre uma forma de realização da justiça, especialmente da justiça como equidade que realça o caráter sempre situado, sempre circunstancial, de toda decisão prática, e o desafio de sua adequação e contemporaneidade.

Aristóteles chama sabedoria (*phrónesis*) àquela virtude à qual cumpre discernir os meios idôneos segundo os quais podemos alcançar fins verdadeiros no que tange às nossas ações. Ora, segundo o Filósofo, esta virtude não se confunde com as virtudes éticas, pois, se a estas últimas cabe a consideração dos fins verdadeiros, à sabedoria cumpre discernir os meios conducentes para se alcançar estes fins: “A obra humana cumpre-se através da sabedoria e da virtude ética: de fato, a virtude torna reto o fim, enquanto a sabedoria torna retos os meios” Por conta disso, Aristóteles avalia que, nem a sabedoria pode existir sem as virtudes éticas, uma vez que não poderia indicar os meios sem o conhecimento do fim fornecido por elas, nem as virtudes éticas poderiam existir sem a sabedoria, visto que o fim à qual aderissem não seria alcançável, nem executável pela ação sem o devido conhecimento dos meios, o qual procede da sabedoria: Não é possível ser virtuosos sem a sabedoria, nem ser sábios sem a virtude ética (REALE, 1994, p.25).

Toda decisão ética – todo exercício da *phrónesis* – e nova, empenhando a cada o homem sério na desocultação da verdade prática. O exercício da *phrónesis* se liga assim ao sentido profundo da equidade, que torna o agir sempre um desafio, mantando o caráter do homem a cada vez em jogo, assim como a sua própria felicidade. Como a lei tem sempre de ser “adequada” à circunstancia atual do agir, ela tem de ser “ descoberta” sempre novamente. Isso impõe a razão pratica, a cada vez em que se exercita na descoberta do justo sempre um problema novo,

Reconstruindo a teoria Aristotélica da *phrónesis*, encontram-se importantes respostas acerca do tipo de pensamento que o direito é, e para a pergunta sobre se este pensar encerra alguma racionalidade, sobre se pode ser descrito como um modo racional de divisar o mundo e o outro.

A recuperação de Aristóteles permite uma saída para o falso, mas angustiante, dilema em que se enreda a filosofia morale jurídica contemporânea, em aporia entre cognitivismo e irracionalismo, sugerindo que estas não são as únicas saídas para a filosofia do agir. Antes desoculta-se a via própria e adequada da racionalidade prática, em cujo horizonte específico redescobre-se o homem como autor do mundo, como criador da ordem e de si mesmo, no exercício da razão pratica. “A felicidade parece, por conseguinte, ser de uma completude plena e autossuficiente, sendo o fim último de todas as ações possíveis (ARISTÓTELES, 2009, p.26).

4. CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto pode se dizer que a felicidade não é simplesmente a realização de todos os nossos desejos, e sim, a noção de que podemos nos satisfazer, com nossas reais possibilidades. Daí nos nossos dias atuais todos a procuram, nos mais variados lugares e das mais diferentes formas. Ao fazermos uma reflexão sobre a felicidade no livro I da *Ética a Nicomaco* e a atualidade vemos que, cada vez mais o ser humano busca a *eudaimonia*, ser feliz e isso em festas, bebidas, jogos, sexo, riquezas, e a felicidade em contrapartida a nós apresentada por Aristóteles é a felicidade da alma conforme a virtude e não uma felicidade que muitas vezes é buscada em atos ocasionais e fortuitos. A doutrina aristotélica sobre a virtude se entrelaça com a felicidade. Esta se identifica como a finalidade do ser humano. Ela é inerente ao homem, sendo assim, para a felicidade não é preciso não apenas ter virtude completa, mas sim uma vida completa.

Ser feliz é fazer uso da razão e fazer com que o uso dessa racionalidade se torne uma virtude, ou seja, a felicidade se dá a partir do pensar, do refletir. Para Aristóteles a capacidade de pensar é o que há de melhor no ser humano, uma vez que a razão é nosso melhor guia e dirigente natural. Se o que caracteriza o homem é o pensar, então esta e sua maior virtude e, portanto, reside nela à felicidade humana.

Sendo assim o homem feliz será aquele que vive e age bem, isso tendo em vista que a definição de felicidade buscada em todo esse artigo foi de que a mesma seria uma espécie de vida boa e boas ações e nisto consiste a felicidade.

É perceptível que poderemos alcançar a felicidade, pois ela é o bem supremo, autossuficiente, desejado por si e nunca em vista de outro bem e é buscada constantemente na ação de viver. Portanto no livro I da *Ética a Nicômaco* é nos apresentado uma hierarquia de bens relativos e intrínsecos ao homem, os quais são classificados em insuficientes e autossuficientes. A partir dessa classificação Aristóteles define a felicidade como um bem autossuficiente, um fim intrínseco ao homem e um bem supremo. Assim a felicidade é um fim ultimo e um bem supremo que todos os homens desejam e se identifica com a finalidade do ser humano porque é o exercício de sua atividade racional em consonância com a virtude. É, pois, somente através da sua racionalidade que o homem pode se tornar virtuoso e realizar seu fim e como consequência atingir a felicidade.

ABSTRACT

Happiness is a great quest of man. This work has the idea to identify in book I of the Nichomachean Ethics the question of the happiness contextualizing it, from classical antiquity and relating in to the present. I plan on the proposed path by Aristóteles show how man will live well, being important to reach the happiness. The happiness which is sought as the fulfillment of all our desires, and that in fact is the notion that we can satisfy, with real possibilities. Hence, all seek in various places and in different ways. In order that we achieve the happiness before the life's difficulties, it is necessary to look at the real thing, concret thing of like.

Keys-words: Ethics. Happiness. Life

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Atlas, 2009.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Borheim da versão Inglesa de W. D. ROSS. São Paulo: Abril cultural, 1984, p. 45-246, (Coleção os pensadores).

CAMPOS, Sávio Laet de Barros. **Felicidade e contemplação em Aristóteles: A primazia da sapiência**, 2010, UFMT.

MARTINS, Antonio Manuel. **A doutrina da eudaimonia em Aristóteles**. Universidade de Coimbra. Hymanitas, vol XLVI, 1994, p. 177-197.

PAIVA, Renata. **Filosofia, educação e virtude: o caminho para a felicidade**. 2012. Revista pandora Brasil nº 38, p. 1-13.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: II Platão e Aristóteles**. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.

REVISTA ACTA SCIENTIARUM. **Ética e educação: caráter virtuoso e vida feliz**. 2014. p. 93 – 104.

ROCHA, Narcisa F.L. **O agir ético segundo Aristóteles**. 2009. 97f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2009.

SANTOS, Rui R. **A virtude e a felicidade em Aristóteles**. S/d. Disponível em:

< [http:// www.ruirossi.pro.br](http://www.ruirossi.pro.br).> Acesso em: 19 de maio de 2016.